

Um dia sem aprender nada é um dia perdido – Aprendizagem musical no Programa de Extensão em Percussão: Aprendendo com o Outro.

DESIRÉE SALLES DA COSTA GONÇALVES¹; FELIPE DA SILVA MARTINS²;

¹ Universidade Federal de Pelotas – salles9917@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – felipedasmartins@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao receber a provocação de escrever de um ensaio como forma de avaliação de uma disciplina¹ do curso de Música Licenciatura, me questionei, porque não refletir sobre um objeto que está tão próximo de mim, e das minhas perspectivas? Desta forma, tomo como objetivo neste trabalho abordar algumas práticas do Programa de Extensão em Percussão da UFPel – PEPEU que envolvem o processo de ensino-aprendizagem musical.

O Programa de Extensão em Percussão da UFPel – PEPEU tem como objetivo,

Articular o estudo de percussão feito em sala de aula pelos alunos dos cursos de Música - Licenciatura e Bacharelado da UFPel com a cidade de Pelotas e Região por meio de ações de extensão que possibilitem alcançar professores e alunos de escolas da rede pública de ensino, alunos de outros cursos da UFPel e comunidade interessada no estudo da música de Percussão (UFPEL, 2016, p. 1).

Assim, percebemos que a proposição do PEPEU em criar um elo entre a universidade e a comunidade se coloca na direção de valorizar a liberdade de criação e autonomia na construção do conhecimento musical (SIMÕES, 2017). A busca pela valorização destes pilares também se articula como uma alternativa em reconhecer outros métodos de educação musical desenvolvidos nas práticas da comunidade como formas tão qualitativas quanto as produzidas na universidade de se trabalhar com o material sonoro..

2. METODOLOGIA

Quando estamos com nossos amigos reunidos de maneira informal em casa, numa tarde ensolarada e resolvemos cozinhar juntos, de modo geral não pensamos em qual processo metodológico vamos utilizar para que um prato gostoso se torne o resultado deste encontro. Mas, um gastrônomo e um pedagogo, refletindo com todos os conhecimentos teóricos que possuem, provavelmente poderiam elencar diversos autores e metodologias reconhecidas cientificamente que se fizeram presentes no ato de cozinhar. Entretanto, na verdade, o grupo de amigos só queria cozinhar.

No PEPEU, nosso fazer musical se configura nesta mesma direção, tanto na paixão e motivação que se têm com o trato do material sonoro, quanto nas construções metodológicas de ensino-aprendizagem musical. Enquanto músicos e musicistas refletimos diretamente sobre todas as questões teóricas e metodológicas que perpassam nossas práticas. Destaca-se ainda, que as pessoas que participam do programa, mesmo sendo em sua maioria, estudantes

¹ Este ensaio foi parte da avaliação da disciplina “Metodologia do ensino da música 1” cursada no primeiro semestre de 2018.

universitários de licenciaturas no campo das artes, buscam como seu principal objetivo o tocar, engendrando possibilidades de desenvolver projetos individuais e firmar parcerias na perspectiva do programa, ampliando os resultados posteriores as práticas musicais e performáticas do PEPEU.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebo que o processo de ensino-aprendizagem no programa se efetiva a partir da prática coletiva, logo, a iniciativa de compartilhar conhecimentos torna-se muito presente. Além de estudos de técnicas e teorias específicas de determinados instrumentos de percussão que são abordadas por um professor de percussão, percebo que muitas de nossas aprendizagens técnico-musicais se efetivam pelas trocas com os colegas, onde nos colocamos a ensinar uns aos outros.

Para nós, integrantes do PEPEU que somos na maioria alunos de cursos de licenciatura, o programa se torna um espaço de acúmulo didático e aprendizado prático, teórico e constante, onde aprendemos a aprender,

Quando vocês pegarem um instrumento e estudarem com um professor, prestem atenção se ele está aprendendo com vocês. Se vocês notarem que ele não aprende nada, caíam fora. Professor que não aprende nada com aluno não está sabendo o resultado daquilo que está ensinando, daquilo que está dizendo. Aprendendo e ensinando é que se vive e que se faz a arte (PASCOAL, 1996, p.10 Apud ROZZINI, José Everton da Silva, 2012. Educação musical na CUICA: percussões e reproduções de um projeto social.).

Na mesma esteira, acredito “[...] que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.45).

Então, quando compartilho algo nas práticas do PEPEU, estou exposta ao debate, as trocas e as reflexões contínuas com o grupo, afinal, ao expor meu pensamento, as pessoas que compõem o grupo estarão prontas para contestar a forma em que estou pensando.

Para que o ensino seja coletivo é necessário que haja consciência que não é apenas com o “mestre” que se aprende, mas com todas as pessoas que estão disponíveis para esta troca, consciente ou inconscientemente. Como já venho apresentando, no PEPEU, permeiam processos de ensino aprendizagem que evidenciam a educação formal e não-formal, e assim construímos diálogos sobre a importância de se pensar em propostas colaborativas de ensino que contribuam de forma efetiva com a construção de sujeitos pela educação.

4. CONCLUSÕES

Nas práticas do PEPEU vivencio momentos que são valiosos para minha formação, e vejo a possibilidade de aprender com o outro o que muitas vezes não encontro nos livros. Logo, podemos compartilhar mais do que saberes técnico-científicos, compartilhamos alma, porque de que adianta saber somente as técnicas que estão nos livros sem vivenciá-las de fato? Buscamos uma experiência significativa (LAROSSA, 2002), pois de que vale a sabedoria se não ter com quem compartilhar?

Enquanto integrante do programa, também me percebo e me constituo como responsável pelo PEPEU tendo em vista suas perspectivas teóricas e filosóficas. Todos os dias temos novos aprendizados, e acredito que um dia sem aprender nada é um dia perdido.

Partindo desse princípio há um ano não perdemos sequer um dia de nossas vidas. Não com a cobrança que todos temos que estar ativos todo tempo e que o ócio é ruim, mas de maneira saudável.

Certamente dias ruins e o excesso de trabalho muitas vezes é nossa realidade, porém aqui conseguimos refletir que tipo de educadores queremos ser. Com ajuda das pessoas que nos rodeiam conseguimos questionar e entender o que queremos de fato fazer, de que jeito queremos transformar a vidas pessoas, de forma a pensar como as nossas têm sido transformadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. (1997). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. FREIRE, P.45.

LAROSSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, v19, 2002.

ROZZINI, José Everton da Silva. *Educação musical na CUICA: percussões e reproduções de um projeto social*. Dissertação de mestrado em educação. Santa Maria: UFSM, 2012.

SIMÕES, A. C. **Autonomia em práticas informais de aprendizagem musical: Um diálogo entre Paulo Freire e Lucy Green**. Anais do XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical - ABEM 2017. Manaus: ABEM. 2017. Disponível em:
[http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/congresso2017/cna/paper/view File/2229/1354](http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/congresso2017/cna/paper/view/File/2229/1354). Acesso em 05 de abr de 2018.

UFPEL. *Projetos por Unidade – Ano 2016*. PREC – Pró Reitoria de Extensão e Cultura. Acessado em 15 ago. 2018. Online. Disponível em:
https://buddhi.ufpel.edu.br/diplan/projetos/relatorios/coplan_projetos.php